



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

**Título da Comunicação: PROJETO GENOMA HUMANO E AS NOVAS  
TECNOLOGIAS DE TRANSFORMAÇÃO DA NATUREZA HUMANA<sup>1</sup>**

**Autora:** Rosemary Segurado

**Instituição:** Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP e doutoranda pelo Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP

Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Mídia, Arte e Política do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP

Professora de Sociologia da Escola de Sociologia e Política e da Escola Pós-graduada de Sociologia e Política

**Contato:** [roseseg@uol.com.br](mailto:roseseg@uol.com.br)

Rua Josefina Arnoni, 115 Bloco 3 apto. 134 – Bairro: Tremembé

São Paulo – SP – CEP: 02374-050

**PALAVRA-CHAVE:** genoma – tecnologia - subjetividade

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP08 – Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo analisar a discursividade difundida pela mídia televisiva sobre o Projeto Genoma Humano e as novas tecnologias da medicina para os cuidados da saúde dos indivíduos.

Observa-se a ampla disseminação de informações sobre as etapas da decifração do código genético humano atuam com o objetivo de generalizar a necessidade de diagnósticos precoces de doenças e de difundir um manual de comportamento aos telespectadores.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **PROJETO GENOMA HUMANO E AS NOVAS TECNOLOGIAS DE TRANSFORMAÇÃO DA NATUREZA HUMANA**

“A *grande saúde*. – Nós, os novos, os sem nome, de difícil compreensão, nós, rebentos prematuros de um futuro ainda não provado, nós necessitamos, para um novo fim, também de um novo meio, ou seja, de uma nova saúde, mais forte alerta alegre firme audaz que todas as saúdes até agora”.

Friedrich Nietzsche

A partir dos anos 80 e, com maior ênfase na década de 90, os cuidados com o corpo para se obter a boa saúde passaram a ser um dos assuntos preferenciais da mídia. Na mídia impressa, verifica-se o aumento significativo de publicações específicas, cujos conteúdos basicamente exploram as diversas possibilidades existentes para se ter uma vida saudável. A prevenção está na ordem do dia e vem sendo amplamente disseminada como a melhor maneira de se evitar doenças.

Entretanto, esse discurso não está presente somente na mídia impressa. Observa-se também o aumento expressivo de programas de rádio e televisão que abordam temas relacionados à saúde. Diariamente, transmite-se um número significativo de reportagens sobre diversas doenças e as formas de diagnosticá-las para poder evitá-las. Um amplo leque de prescrições e de “dicas” sobre a boa forma corporal faz da mídia o espaço privilegiado de circulação dessas informações. Ao transmitir essas noções de cuidados aos indivíduos, a mídia está cumprindo uma função clara: criar um manual de comportamentos no qual a prevenção se torna uma espécie de dever a ser cumprido por todos.

Nesse sentido, desenvolvemos algumas reflexões a respeito das reportagens transmitidas pela televisão sobre o Projeto Genoma Humano, durante o ano de 2.000<sup>1</sup>. O

---

<sup>1</sup> O presente texto faz parte da pesquisa de doutorado desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-SP

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP08 – Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

referido projeto ocupou um espaço significativo em telejornais, programas de entrevistas, variedades, auditório, divulgação científica, documentários entre outros e se consagrou em um dos principais temas do debate científico da atualidade.

O Projeto Genoma Humano foi criado com o objetivo de obter a decifração do código genético humano por meio da identificação dos genes responsáveis pelas características normais e patológicas da espécie humana. Iniciado em 1990 e contando com um orçamento milionário, em torno de US\$ 3 bilhões de dólares, é considerado um dos maiores desafios científicos da era contemporânea, justamente por mobilizar diversos setores da comunidade científica mundial, apesar de enfrentar muitos questionamentos de diversos setores sociais e acadêmicos.

As imagens das pesquisas sobre o genoma humano já fazem parte do imaginário dos indivíduos, em âmbito planetário. Elas estimulam diversos sentimentos nos telespectadores pessoas e, por meio de suas ressonâncias, imprime novos modos de imaginar a vida no futuro, ou o futuro da vida.

A relação estabelecida pela sociedade contemporânea com o corpo e, com a vida de maneira geral, vem se transformando aceleradamente. Atualmente, podem se listar inúmeras possibilidades de intervenção das tecnociências. Mas dizer que esse fenômeno provoca o deslocamento na conceituação da vida, da natureza e da cultura não é novidade. O mais importante é compreender em que medida as mudanças efetuadas pelas novas tecnologias da saúde provocam alterações ontológicas na espécie humana.

O discurso científico disseminado através das esferas midiáticas estão centrados na explicação da variedade de perigos que podem afetar à saúde dos indivíduos, bem como na apresentação de um conjunto de informações necessárias para evitá-los. Não é por casualidade que a expressão *qualidade de vida* ocupa a mídia com diversas panacéias que apregoam uma série de normas capazes de proporcionar o bem-viver. Nesse processo, desconsidera-se que as maneiras de se levar uma vida saudável estão relacionadas aos modos de ser e que a singularidade dos comportamentos deve ser contemplada como referencial para a adoção dos *cuidados de si*.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A engenharia genética vem sendo abordada pelos meios de comunicação como a grande alavanca para os novos avanços da medicina, por intermédio de exames de diagnóstico que permite antecipar as propensões que os indivíduos teriam de contrair diversas doenças, mesmo que essas probabilidades sejam remotas. Esses exames nem sempre são considerados necessários, mas se tornaram imprescindíveis nos procedimentos médicos. Aproximadamente 85% dos exames realizados a pedido de médicos apresentam resultados negativos, o que nos demonstra o desperdício ou inadequação no uso dessa tecnologia.

A indústria de diagnósticos movimentava cifras elevadas em todo planeta e um dos motivos pelos quais obtém tanto êxito pode ser compreendido através de uma espécie de mito que afirma que o médico que é bom aquele que pede diversos exames para avaliar o estado de saúde dos indivíduos.

Esse tipo de procedimento da medicina, baseado num processo de *diagnosticação* constante, além de favorecer os setores ligados à indústria de diagnóstico contribui para generalizar a exigência do cuidado, impostas pela necessidade constante de prevenção que caracteriza a sociedade contemporânea. Dessa forma, os cuidados corporais devem obedecer a padrões estabelecidos a partir das médias estatísticas.

Observa-se que a mídia, articulada ao discurso tecnocientífico, enfatiza a importância dos exames de diagnósticos que transformam os indivíduos em portadores, como diria Deleuze. Esse portador é uma espécie de quase-doente, portanto ele deve se comportar como um doente para evitar que a doença tome conta de seu corpo. Ele deve viver como um doente, sem estar e nem sequer saber se um dia ficará.

Com a decifração do genoma humano, esse processo de *diagnosticação* tende a se aprofundar ainda mais e coloca a humanidade num novo tipo de relação com o futuro, num deslocamento de temporalidades que implica em formas de se antecipar o futuro, a fim de evitá-lo. Isso provoca uma mudança significativa na sociedade contemporânea, pois não são somente as transformações tecnológicas no corpo, proporcionadas pelos novos genética, mas na maneira como incide nos modos de viver, pensar e agir dos indivíduos.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Outro aspecto ressaltado pela mídia é a ciência genômica associada à cura de doenças. Em muitos casos o mapeamento do genoma humano aparece como a panacéia que solucionará todos os problemas de saúde da humanidade. Nesse sentido, a expressão *diagnóstico preventivo* ganha grande destaque nos meios de comunicação e é disseminada como a chave que permite o conhecimento de diversas doenças, antes que haja a manifestação de algum sintoma.

Esse sentimento movimenta não somente a indústria em torno dos produtos genômicos, mas também a mídia, responsável pela veiculação dessas informações e pela antecipação do futuro como forma de se evitar a vida no tempo presente.

Nas reportagens sobre o Projeto Genoma Humano fica nítida a necessidade de se generalizar a *diagnóstico* genética. Aparecem imagens de entrevistas com famílias que possuem crianças com os chamados desvios gerados pelas chamadas “falhas” genéticas. Nota-se que sempre se tenta passar a imagem de pais afirmando o amor “incondicional” ao seu “filho-problema”, mas realizaram exames genéticos para detectar se os outros filhos corriam o mesmo risco. Isso nos remete a uma preocupação bastante atual, de uma sociedade que ao mesmo tempo em que debate temas como inclusão dos portadores de deficiência física ou mental, apregoa a necessidade de termos a certeza sobre o futuro da saúde de nossos filhos.

“Por meio de foguetes, satélites, televisão e fax dominamos o peso e o espaço; no futuro, escolheremos o sexo de crianças que não mais aceitaremos procriar sem certeza sobre sua normalidade... enquanto a queda dos corpos, a distância, nosso planeta no cortejo astronômico, a patologia genética e a fecundação passavam, desde sempre, por coisas naturais que não dependiam de nós.

Eis-nos senhores daquilo que nos mantinha em sujeição. A própria morte e a velhice rejuvenesce” (SERRES, 1999: 222).

Essa idéia de garantias prévias de uma prole saudável nos remete à Antigüidade. Platão, por exemplo, defendia que houvesse um tipo de controle das crianças pobres, pois acreditavam que elas não eram dotadas de grande inteligência; portanto, não mereciam viver. Os bebês com má-formação eram atirados à morte, pois significavam um peso para a sociedade.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Talvez esse seja um dos aspectos mais complexos desse debate, pois nos remete para uma situação na qual a prevenção se transforma em uma das formas de instauração dos comportamentos considerados normais, portanto aceitáveis socialmente. Instaure-se, assim, uma espécie de *culpabilização* generalizada, processo pelo qual os indivíduos passam a se penalizarem pelas escolhas de seus hábitos.

A engenharia genética passa a ser difundida pela mídia como uma das principais técnicas para se atingir a saúde adequada. Os indivíduos tornam-se consumidores dessas novas tecnologias e a mercantilização da saúde atinge proporções nunca vistas anteriormente. Dessa forma, os diagnósticos genéticos são vistos como uma conquista científica que proporciona aos indivíduos anteciparem suas eventuais necessidades de tratamento. Contudo, não estamos diante apenas das possibilidades de manipulação dos indivíduos no plano genético conforme os ditames da eugenia; mas sobretudo da disseminação de um conjunto de normas para as condutas individuais e coletivas que passam a ser regidas pelo *biomercado*

A biotecnologia associada às pesquisas do código genético humano vem introduzindo um aspecto notadamente mercadológico nas discussões sobre a saúde. O discurso científico adota a lógica da *genética de consumo* e entra na dinâmica das operações do mercado de ações. O caráter mercantilista conferido à genômica é explícito considerando que a decifração de genomas vem se configurando como uma mercadoria de extremo valor de comercialização.

No conjunto de reportagens sobre o Projeto Genoma Humano, podemos observar as grandes oscilações das ações de biotecnologia na bolsa de valores. Destaca-se, por exemplo, que em junho do ano 2.000, quando aproximadamente 96% do seqüenciamento do código genético humano havia sido mapeado houve uma divulgação em rede mundial pelo então presidente dos EUA, Bill Clinton, e pelo primeiro-ministro britânico Tony Blair, acompanhado do presidente da empresa Celera Genomics, Craig Venter e o coordenador do Consórcio Internacional, Francis Collins, ambos responsáveis pelo desenvolvimento das pesquisas em torno do mapeamento do genoma humano. Esse anúncio fez com que as



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

ações alcançassem índices elevados, demonstrando que o *biomercado* estava atento aos desdobramentos das pesquisas.

Uma das características fundamentais da era contemporânea é que a informação – de qualquer natureza – vem se tornando, cada vez mais, fundamental na dinâmica desses processos da nova ordem econômica, política, social e cultural. Considerada como mercadoria, a informação genética passa por um processo de extrema valorização na atualidade e seu atual processo de molecularização permite que ela seja extraída de todas as dimensões humanas.

Observa-se que os defensores das patentes genômicas vêem nela uma possibilidade de geração de recursos financeiros capazes de fomentar a inovação da pesquisa científica. Esses aspectos mercadológicos evidenciados pela mídia demonstra a complexidade existente em torno do patenteamento de genes humanos e expressa os conflitos de natureza ética, filosófica, política e econômica.

É cada vez mais notável a operação de privatização do âmbito mais microscópico da vida humana, ou seja, as próprias células. Considerando que essas células transformam-se em caracteres informacionais sobre os indivíduos e que, no atual estágio do capitalismo contemporâneo, tudo se transforma em mercadoria, portanto passível de ser quantificável em termos monetários, vemos que

“Na verdade, na nova economia, a própria existência do indivíduo é posta em questão. Aqueles que processam a sua vida descendo a níveis microscópicos não o concebem mais como sujeito, mas sim como gerador de padrões informacionais que é preciso manipular; aos olhos de quem opera com o valor do tempo de vida, o indivíduo dissolve-se em fluxos de dados. Entretanto, não é só no plano da informação digital que o indivíduo desaparece - também no plano da genética assistimos à sua desintegração” (SANTOS, 2.000: 37).

Apesar de o discurso midiático enfatizar a importância das descobertas científicas relacionadas à cura de doenças, nota-se que, na prática, essa relação ocorre de maneira diferente. A lógica dessa indústria não se diferencia de nenhuma outra. Observa-se que não há interesse no desenvolvimento de medicamentos para doenças que atingem,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

principalmente, as populações de países cuja renda média da população é baixa, pois os retornos financeiros seriam pequenos.

As possíveis transformações criadas a partir das pesquisas do genoma humano são amplamente exploradas pela televisão, por intermédio de imagens de laboratórios e suas pesquisas de tecnologias de ponta, dos centros de seqüenciamento de genes, dos sofisticados programas de informática. A figura do cientista compenetrado em sua tarefa de buscar a cura das doenças, também aparece com destaque. Tudo leva a crer que haja uma composição entre o homem e a máquina e não uma sujeição a ela.

Nota-se uma necessidade constante de exposição dos corpos cada vez mais distanciados do contato direto e mediados pelas tecnologias. O corpo se transformou em objeto para prospecção e processamento de informações, conforme defendem alguns cientistas que não somente naturalizam seus métodos invasivos, mas que os transformam em padrões necessários para o bom funcionamento da medicina. Esse é um dos pontos mais amplamente veiculados nas reportagens sobre o PGH: a decifração do código genético humano colocará a medicina em outro patamar e poderá efetuar com maior eficácia a luta contra as doenças.

As possibilidades mais eficazes de se curar doenças aparecem exteriorizadas dos indivíduos, como se o organismo tivesse um papel passivo tanto em relação às doenças quanto às tecnologias e medicamentos para eliminá-las.

“A doença não é somente desequilíbrio ou desarmonia; ela é também, e talvez sobretudo, o esforço que a natureza exerce no homem para obter um novo equilíbrio. A doença é uma reação generalizada com intenção de cura. O organismo é uma reação generalizada com intenção de cura. O organismo fabrica uma doença para se curar a si próprio” (CANGUILHEM, 1995: 20-21).

No geral, a maneira como a televisão apresenta essas imagens induz à idéia de que a salvação para todos os problemas de saúde está nas mãos dos cientistas responsáveis pelas pesquisas da genômica. Entre as expressões mais difundidas na divulgação do seqüenciamento parcial do genoma humano, temos a seguinte:

- “cientistas descobrem a receita utilizada por Deus para criar a vida”.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Nesse sentido, observa-se, com grande frequência, a associação das descobertas científicas às realizações divinas. Se, anteriormente, somente Deus tinha acesso à receita para fazer o ser humano, a partir da decifração do código genético humano, o cientista também se tornou capaz de fazê-lo.

“ O homem entrou num lugar que só Deus conhecera” – frase de Francis Collins, representante do governo americano na comissão PGH.

Por outro lado, é notória a ênfase publicitária criada em torno da divulgação de informações sobre as etapas das pesquisas do genoma humano; as estratégias de marketing adotadas não estão relacionadas somente com a promoção de alguns cientistas, mas sobretudo à valorização da tecnociência na era contemporânea. Nota-se grandes especulações em torno da descoberta de cura de determinadas doenças, e essas afirmações acionam os mercados financeiros e colaboram na elevação das ações da biotecnologia.

Esses processos de transformação da natureza humana sempre se foram um elemento chave para espécie, obviamente que os avanços tecnológicos da era contemporânea introduzem uma aceleração nas investigações científicas como nunca se pode verificar, na qual o corpo ainda se constitui enquanto foco do poder.

As novas tecnologias, cada vez mais informatizadas, vêm se associando à medicina e promovendo uma *desmaterialização* dos corpos para uma espécie de *rearticulação* capaz de revitalizá-los no plano da informação. Observa-se que a ciência contemporânea está mais interessada nos processos informacionais que o corpo pode oferecer. O corpo se torna um dos locais preferenciais das pesquisas científicas na atual sociedade de informação, e passa a ser um produtor de informações sobre seu funcionamento.

“Os indivíduos concretos são decompostos segundo tal ou qual objetivo definido no quadro de uma programação administrativa e recompostos em fluxos abstratos de populações. Que se trate sobretudo de intervir diretamente nos primeiros casos, ou de prevenir riscos no segundo, o paradigma comandando a prática é sempre um objetivismo que se justifica em nome da eficácia: dispor de um conjunto mobilizável de informações fiáveis a fim de modificar uma situação definida a partir de elementos que se podem instrumentalizar” (CASTEL, 1981: 171).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Em decorrência desse processo pode se notar a atual lógica da sociedade capitalista contemporânea norteadada pela dinâmica do consumo na qual o setor econômico que possui os melhores indicadores são aqueles relacionados ao setor de serviços, com destaque para o amplo leque de empresas que atuam na *prevenção dos riscos*.

As empresas de seguros, de qualquer ramo, obtêm lucros elevadíssimos para dar ao indivíduo algum tipo de garantia caso lhe ocorra algum *imprevisto*. A *imprevisibilidade* adquire o estatuto de *risco* a ser *prevenido* para que se evite que o pior aconteça. Essa estratégia faz com que os indivíduos comprem seguros de saúde, de vida, de casa ou de carro como forma de *minimizar* os eventuais prejuízos. Alguns fazem seguros de partes de seus corpos, ao mesmo tempo que se fragmenta e se hierarquiza pela *utilidade ou função* de cada parte. Desse modo, o jogador de futebol faz seguro de sua perna, a modelo de seus seios, tornando partes do corpo mais valorizadas que outras. Esse é um traço típico do capitalismo contemporâneo, que atribui valor de mercado em qualquer *mercadoria* apta à comercialização.

A normatização dos comportamentos individuais e coletivos torna-se fundamental para se evitar os *riscos* aos quais estamos expostos no cotidiano. Essa lógica *atravessa* a discursividade médica e científica, contribuindo para a reformulação das práticas de saúde, agora sob a ótica da *prevenção geral*. Esse é o discurso mais freqüente nas reportagens sobre a decifração do código genético humano. Todos os indivíduos são *portadores* de uma ou mais possibilidades de adoecer.

Por outro lado, a espetacularização dos fatos científicos transmitem a noção de uma ciência triunfante, capaz de realizar feitos milagrosos que salvariam a humanidade das doenças e garantiria uma vida plena de saúde. Essa estratégia de sobrevalorização do saber científico já era desenvolvida no Renascimento, período no qual era freqüente a realização de experimentos científicos em praça pública, transformando o processo de produção do conhecimento em estratégia de hierarquização dos saberes. Naturalmente, com a implantação dos meios de comunicação de massa na sociedade atual, essa espetacularização se intensifica ainda mais.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Nesse aspecto, a televisão funciona como um dos mais importantes dispositivos de produção de subjetividade e na era contemporânea que atua diretamente no processo de servidão maquínica dos indivíduos.

“A televisão não mais procura captar um espectador considerado como alvo, ou seja, como um sujeito separado que é preciso reter e interessar, mas ela leva o espectador a integrar-se no espetáculo que ela produz. A televisão deixou de ser um objeto central para tornar-se uma parede, uma janela, uma parte do ambiente e do entorno ao qual o sujeito pertence” (PELBART, 2.000: 33).

Diante de tal complexidade, a noção de subjetividade capitalista desenvolvida por Félix Guattari e Gilles Deleuze nos ajuda a compreender o modo como esse sistema captura o processo de subjetivação dos indivíduos para sobrecodificá-los, através de suas formas e expressões. Observa-se, portanto, que o capitalismo contemporâneo atua com uma profusão de máquinas enunciativas simbólicas, em particular a televisão, que atua no sentido da produção da subjetividade capitalista.

Dessa forma, é fundamental compreender a potencialidade da televisão enquanto um dos meios de comunicação mais disseminados em todas as partes do planeta, a partir do qual a transmissão de imagens expressa sua virtualidade e capacidade de acesso a todos os setores sociais, operando enquanto elemento significativo na construção da subjetividade da atualidade. É justamente essa amplitude que faz com que os meios de comunicação ganhem o status de produtor e disseminador de enunciados.

A partir da noção de subjetividade oferecida por Deleuze e Guattari podemos observar a maneira como o capitalismo contemporâneo investe permanentemente nas modulações e modelações subjetivas para abarcá-la ao máximo. De fato o capitalismo tomou de assalto a subjetividade numa dimensão nunca atingida.

Ao atribuir à imagem a potencialidade da informação, deslocamos a abordagem do campo da representação, passando a compreendê-la enquanto a própria expressão dos acontecimentos. Essa compreensão nos proporciona uma amplitude analítica que transforma a discussão da decifração do código genético humano numa espécie de zona de



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

indiscernibilidade, a partir da qual ora se destaca o caráter informativo ora ficcional, e até mesmo mercadológico.

O Projeto Genoma Humano descortina um conjunto de aspectos da natureza humana, bem como do processo de produção da vida. Um fato inédito na história da ciência que reside na maneira de extrair informações do corpo humano. Como no filme *Gattaca*, abre-se a possibilidade de identificar os indivíduos geneticamente, através de qualquer parte de seu corpo, como por exemplo sangue, urina, fio de cabelo, saliva etc. A espécie humana ganha uma visibilidade total e permanente.

Nesse sentido, tanto a subjetividade quanto a singularidade dos indivíduos sofre um deslocamento em direção ao processo de produção da informação. A informação genética prescinde do indivíduo em suas dimensões subjetivas a partir do momento que o transforma em massa de dados quantificáveis e indispensável para os processos de transformação da natureza humana. Como diria Deleuze,

“a nova medicina ‘sem médico nem doente’, que resgata doentes potenciais e sujeitos a risco, que de modo algum demonstra um progresso em direção à individuação, como se diz, mas substitui o corpo individual ou numérico pela cifra de uma matéria ‘dividual’ a ser controlada” (DELEUZE, 1992: 225).

Portanto, resgatar os processos de produção da subjetividade para que se possa fabricá-la a partir de dispositivos auto-referenciais proporciona aos indivíduos a capacidade de escolherem os seus cuidados com a saúde, sem que seja necessária a sobreposição daquilo que Deleuze define como a *gorda saúde dominante* que está permanentemente sintonizada com os processos de captura da subjetividade capitalista. Quando Deleuze nos diz que viver é arrancar da existência a vida, e que portanto o *devenir* possibilitaria essa transformação através da qual se pode escapar da individualidade que aprisiona, ele nos faz pensar sobre a seguinte questão:

“Qual saúde bastaria para libertar a vida em toda parte onde esteja aprisionada pelo homem e no homem?” (DELEUZE, 1997: 145).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

#### BIBLIOGRAFIA:

- CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- CASTEL, Robert, *A gestão dos riscos*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Editora 34, Rio de Janeiro, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Crítica e Clínica*. Editora 34, Rio de Janeiro, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Companhia das Letras, São Paulo, 2.001.
- PELBART, Peter P. *A vertigem por um fio – Políticas da Subjetividade Contemporânea*. Editora Iluminuras, São Paulo, 2.000.
- SANTOS, Laymert G. *Limites e Rupturas na Esfera da Informação*. *Revista São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 14,n. 6, jul. – set/2.000.
- SERRES, Michel, *Luzes- Cinco entrevistas com Bruno Latour*, São Paulo: Unimarco Editora, 1999.